

## A 25ª edição do MQ está com inscrições abertas

A 25ª edição do Programa Intensivo de Metodologia (MQ) conta com cursos básicos, intermediários e avançados voltados para metodologias de pesquisa quantitativa e qualitativa. Nosso objetivo é colocar a comunidade acadêmica e profissionais de outras áreas em contato com técnicas mais atualizadas, bem como oferecer preparo básico para estudos em campos diversos de conhecimento.

Muitos professores, pesquisadores e profissionais da área de ciências sociais já passaram pelo MQ com ótimas experiências:



Ludmila Ribeiro – Professora Associada do departamento de Sociologia e pesquisadora do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), ambos na Universidade Federal de Minas Gerais.

“O programa de treinamento intensivo em metodologia foi, efetivamente, o curso que mudou a minha vida. Além de fornecer uma sólida formação em técnicas de coleta e análise de dados, tanto quantitativos quanto qualitativos, ele me ensinou sobre a importância dos grupos de estudo para a resolução de problemas práticos de pesquisa que enfrentamos diariamente. Até hoje, mantenho grandes amizades com colegas da minha primeira formação. O MQ foi fundamental para me tornar a pesquisadora que sou hoje.”

A edição atual está programada para ser realizada em três módulos, dispostos em três semanas de treinamento. Estes seguem um caráter progressivo, indo do nível introdutório ao avançado. A iniciativa tem como proponentes os Departamentos de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFMG.

As atividades do MQ serão realizadas em formato **híbrido**, com cursos na modalidade presencial e remoto.

As inscrições estão abertas até o dia **27/06/2024**. Para mais informações acesse nosso site: <https://ufmg-mq2.com.br/>

## GALERIA:



Imagem: Alunos MQ 2023



Imagem: MQ 2016. Professor Manoel Santos e alunos

## O CALCANHAR METODOLÓGICO DA CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL

Gláucio Ary Dillon Soares

A ciência política no Brasil enfrenta um período difícil, no qual a produção de profissionais e de pesquisas anda na contramão da história. Há uma certa hostilidade em relação aos métodos quantitativos e à estatística; porém, seu lugar não foi ocupado por métodos qualitativos rigorosos, e sim por uma ausência de métodos e de rigor. Alguns reagiram contra essa vocação com rejeição a tudo o que não fosse quantitativo, como se a ciência política só começasse com uma equação de regressão múltipla. O repúdio aos métodos qualitativos não foi feito após o exame detalhado desses métodos, mas aprioristicamente — tudo o que não fosse quantitativo era classificado, automaticamente, como não-científico. O afastamento entre a ciência política e a antropologia foi uma consequência desse repúdio e, também, da rejeição em sentido contrário. Taagepera (2001) sugere que a ciência política recebe influências da economia e da sociologia, um pouco menos da psicologia e da filosofia, e quase nada da antropologia. O desconhecimento dos métodos qualitativos mais rigorosos também é característico daqueles que se definem como “qualitativos” simplesmente por oposição a “quantitativos”. No entanto, “qualitativos” eles não são, porque não usam métodos qualitativos. São apenas não-quantitativos ou anti-quantitativos. As deficiências na formação metodológica podem ser notadas no exame de livros, artigos, teses e dissertações. Como a situação da ciência política é similar à da sociologia, podemos usar alguns levantamentos feitos nesta última área.

Para saber ler mais acesse o link abaixo:

LER MAIS

## REVISITANDO O CALCANHAR DE AQUILES METODOLÓGICO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Pedro Neiva (2015)

Nesse artigo, fazemos uma avaliação sobre o uso de dados e métodos quantitativos nas revistas brasileiras de ciências sociais no período de 1997 a 2012. Verificamos que houve um aumento expressivo na utilização de técnicas estatísticas “avançadas”. Porém, o quadro geral não mudou substancialmente: a proporção de autores “quantitativistas” continua sendo amplamente minoritária, *vis-a-vis* os “não quantitativistas”. Identificamos que a área de formação, a instituição de origem, o nível de qualificação da revista, o fato de o artigo ter sido elaborado em parceria e a participação em cursos específicos parecem influenciar na escolha de uma abordagem quantitativa. Já o gênero dos autores não parece estar associado a tal opção metodológica.

Para saber ler mais acesse o link abaixo:

LER MAIS

## O CALCANHAR DE AQUILES DOS ESTUDOS SOBRE O CRIME, VIOLÊNCIA E DINÂMICA CRIMINAL

Ludmila Ribeiro  
Alex Niche Teixeira (2017)

Dois são os objetivos deste trabalho: mapear a produção indexada pelos termos “crime”, “criminal”, “criminalidade” e “violência” nas revistas mais importantes da área da sociologia (aquelas indexadas como A1 e A2 no Qualis da Fundação Capes) e entender quais são os métodos de pesquisa mobilizados nessas análises. De maneira geral, os estudos sobre crime, violência e dinâmica criminal vivenciaram uma crescente incorporação de técnicas de pesquisa qualitativa, com destaque para o uso de etnografias, entrevistas semiestruturadas e observação participante em contextos de violência urbana, tais como favelas nas grandes cidades e prisões superlotadas. O escrutínio de dados oficiais ou de bancos de dados construídos a partir de surveys está longe de ser o principal substrato empírico para a compreensão das dinâmicas de criminalidade, ficando à frente apenas dos trabalhos que conjugam técnicas quantitativas e qualitativas de pesquisa social. O balanço da literatura indica que o calcanhar de Aquiles da área reside na dificuldade em incorporar metodologias que permitam ir além da descrição do local, de forma a avançar rumo a uma produção mais abrangente do contexto nacional.

Para saber ler mais acesse o link abaixo:

LER MAIS

